

MIGUEL MIRANDA

A PAIXÃO DE K

*Ao Manuel António Pina,
amigo profundo e inspirador desta e
outras histórias.*

1

– A vida, tal como eu a vejo, é uma sucessão de planos.

Laurent sorveu um pouco de cerveja, pensando nas palavras do homem que se sentava à sua frente. Saboreou o travo gelado e amargo da bebida, esticando o tempo. Gostava de ouvir Perfecto Cuadrado, as suas considerações sobre o mundo e a vida divertiam-no e ajudavam a passar as horas de final de tarde, as maiores do dia.

– Sucessão de planos?

Laurent usava uma técnica para extrair ideias a Perfecto Cuadrado. Quando ele divagava, repetia as suas últimas palavras, em tom inquisitivo. De questão em questão, o seu interlocutor tecia argumentos como uma teia de aranha de jardim.

Perfecto Cuadrado bebeu um pouco de *Tio Pepe*. Não lhe saía da cabeça a bela rapariga que todos os dias via no Metro, quando vinha a caminho do bar. Ela apeava-se uma estação antes, em passo apressado, como se tivesse urgência de viver. Estava apaixonado por ela, embora não soubesse o que isso pudesse significar, pois nada sabia dela, nunca tinham falado, nem os seus olhares se tinham alguma vez cruzado. No entanto, sentia-se perdidamente apaixonado, sensação perturbadora e empolgante que procurava afogar num copo.

Gostava da voz rouca e do olhar tranquilo de Laurent, inculciam-lhe calma. O aperitivo agri-doce trazia-lhe memórias de lugares

distantes no tempo e no espaço. Pareciam quadros mal iluminados, ondulando numa brisa, retratando Consolación, a aldeia onde nasceu, onde todos eram primos e tios e se chamavam Pepe.

– Sim, meu caro amigo. Embora isso pouco possa interessar, a vida de cada um é uma sucessão de imagens aprisionadas na memória. Como nos filmes.

As palavras nasciam-lhe na boca, avulsas. A sua mente procurava evadir-se à paixão pela rapariga do Metro. Estar todos os dias perto dela, quase sentir o seu perfume e não conseguir penetrar através da parede de vidro que a parecia envolver era uma sensação entre desafio e tortura.

Laurent tinha várias questões que gostaria de esclarecer: a que atividade se dedicaria o amigo? Dia após dia ouvia-o falar sobre os mais diversos assuntos, mas não da sua ocupação. Teria um vulgar emprego atrás de uma secretária ou seria um artista? A indumentária não o denunciava, envergava calças de ganga coçadas e um casaco amarrotado, que poderia ter sido comprado numa loja de roupa em segunda mão. Não devia ser muito abastado, mas às vezes as aparências eram apenas isso – aparências. Perfecto Cuadrado era um maltrapilho sofisticado, belo, atraente e sedutor. Laurent sentia-se atraído por aquele homem de olhar elétrico e voz profunda que apenas conhecia da fortuita convergência num bar ao entardecer.

– Como nos filmes?

Perfecto Cuadrado sorriu, enquadrando a figura de Laurent dentro do copo de *Tio Pepe*. Bebeu um trago, pensando que Laurent lhe era um total desconhecido. O conhecimento mútuo era avulso e superficial, fruto de conversas vadias de bar. O que o aproximara de Laurent era a sua invulgar capacidade confessional, que o compelia a entregar-lhe os mais íntimos pensamentos. Talvez um dia lhe contasse da rapariga do Metro que o transtornava.

– Sim, caro Laurent. O olho humano só tem capacidade para distinguir imagens separadas por um décimo de segundo. O que temos no cérebro é uma galeria de imagens, distanciadas por esse espaço temporal. O mesmo se passa com os pensamentos e as emoções, armazenados em instantâneos com um intervalo semelhante.

– Um intervalo semelhante?

– Sem dúvida. Essa janela de tempo preocupa-me. A diferença entre a realidade e a ficção poderá estar oculta nestes hiatos. Poderemos estar a ser atraídos pelo que vemos e recordamos.

Perfecto Cuadrado levantou-se, esticando o corpo. Tinha de voltar ao ginásio, as articulações rangiam e os músculos estavam fracos por falta de exercício. Não era fácil conciliar a arte com boa forma física. Despediu-se de Laurent:

– Já estou atrasado. Até qualquer dia.

Laurent sorriu. Faziam sempre aquele número de fim de tarde, sabendo que tinham encontro marcado para o dia seguinte à mesma hora. O que podia ser um código semântico de cortesia, para ele era uma dança de palavras, erótica e crepuscular.

– Até qualquer dia.

Perfecto Cuadrado tilintou as moedas para captar a atenção de Gail, a *barmaid*. Ela tinha uns olhos demasiado belos para serem prisioneiros de um *pub*. Um sorriso curto alumiou-lhe o rosto. Recebeu o dinheiro inclinando o corpo e expondo os seios no decote, visão que Perfecto Cuadrado transportaria na cabeça enquanto os seus passos o levavam para fora do bar.

2

– A vida, tal como eu a vejo, é uma sucessão de planos.

O homem-estátua vestido de Neptuno não estremeceu nem moveu um músculo, como se nada nesta frase o inquietasse. Perfecto Cuadrado encolheu os ombros e prosseguiu a marcha. Evitou o Metro, receava encontrar a enigmática rapariga e ficar colado ao chão, de pernas a tremer. Não gostaria que ela o visse assim, sentia-se frágil para emoções fortes. Caminhou indiferente à multidão de gente acotovelando-se nos passeios, ao trânsito intenso que preenchia as ruas com um rugido surdo. Fez sinal a um táxi, esperou que o veículo se imobilizasse, entrou e acomodou-se no banco traseiro, fechando os olhos. Após alguns segundos de hesitação, o motorista inquiriu.

– Para onde quer ir?

Ele respirou fundo e comandou:

– Vá andando por aí. Quero sentir a cidade.

O motorista encolheu os ombros, todos os dias lhe aparecia um ou outro lunático, tanto lhe fazia que o viajante soubesse ou não para onde ir, desde que pagasse. Arrancou com um olho na viagem e outro no taxímetro, onde pulsavam números em sangue no ecrã. Abriu caminho por entre as filas de carros, vigiando o passageiro pelo retrovisor. Os indecisos podiam trazer problemas, entre eles havia meliantes

de toda a espécie, foragidos, tresloucados e suicidas, mas não parecia haver nada no aspeto do homem que o alarmasse. No entanto, todo o cuidado era pouco. Meneou a cabeça e disse a primeira coisa que lhe veio à mente, mais para fazer conversa do que como início de tese:

– A vida, para mim, é uma sucessão de planos.

Perfecto Cuadrado sobressaltou-se. Ouvir na boca de um anónimo motorista de táxi a mesma frase, o mesmo pensamento que andava a ecoar-lhe dentro da cabeça, era assaz estranho. Fechou os olhos e deixou-se embalar pelo trabalhar ronco do carro de praça.

O cálice de *Tio Pepe* que acabara de beber transportava-o ao passado. Vogava agora nas ruas desertas de Consolación, onde as pedras ferviam na canícula de verão. A estrada para Mérida ficava à ilharga do povoado e o estradão que chegava até à aldeia era ondulado e incerto, rodeando as pequenas elevações forradas de oliveiras e cruzando o ribeiro Alcubia numa ponte ferrugenta a precisar de reforma. De inverno, não havia outro caminho para chegar e partir, mas de verão o Alcubia secava e o leito do ribeiro tornava-se numa estrada mais curta e plana para aceder a Consolación.

O ponto mais alto do lugarejo era a capela da Virgem da Consolación. O pequeno templo dominava a aldeia, ostentando no pináculo do telhado de duas águas um avantajado cruxifixo em granito no qual se implantava um exuberante ninho de cegonha. Esta era uma das imagens mais fortes que preservava da infância, o silêncio que as cegonhas impunham na aldeia. Por respeito às aves, o padre Giménez, que arribava à terreola uma vez por semana, ao sábado, para rezar missa, proibira os aficionados de usarem os altifalantes do templo para transmitirem o relato das touradas de Badajoz e de Sevilha. Enquanto as cegonhas estagiavam em Consolación, o silêncio imperava no casario e nos cerrados que a envolviam. Quando as aves partiam em migração, o silêncio partia também e o lugar era inundado com um relato radialista da festa brava, sempre que nas praças de Sevilha e Badajoz havia tourada.

O padre Giménez chegava no seu *Citröen* boca de sapo cor de vinho e estacionava no adro da igreja, debaixo de uma nuvem de pó. Saía do carro e ficava a ouvir o relato da tourada, alguns minutos.

Depois encolhia os ombros, não morria de amores pela tauromaquia, mas não podia hostilizar a barbárie sem perder a mão no rebanho dos paroquianos, cujo apego à fé já andava a fraquejar. Dirigia-se à bagageira da viatura e retirava a imagem da Virgem da Consolación, uma estatueta em gesso pintado com cerca de um metro. Levava-a ao ombro até ao altar e colocava-a em posição, calçando-a com pequenos tacos de madeira. Acabada a missa, o pároco procedia à operação inversa, recambiando a Nossa Senhora para a mala do carro e partindo para outras paragens. Perfecto Cuadrado sempre se interrogara sobre a razão do vai e vem da imagem da mãe de Deus. Corriam várias versões na aldeia. Uma delas atestava que a deambulação da Virgem se tratava de uma questão de segurança, pois em tempos que já ninguém recordava, teria havido um furto de vitualhas numa igreja de uma aldeia perdida nos confins das serras. Havia quem insinuasse que don Giménez pretextava o medo da roubalheira para ocultar algum fetiche que tinha com santas. Ou assegurasse que a mesma imagem corria de terra em terra, assumindo pseudónimos vários: Senhora dos Martírios, Virgem dos Remédios, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, Senhora dos Aflitos, Senhora da Aparecida, Virgem Silente. E ainda quem desdissesse esta última, asseverando que o padre Giménez tinha uma imagem diferente para cada culto, guardando todas as estatuetas de Nossa Senhora num mausoléu a que ele chamava o Oásis da Santíssima Virgindade Impenetrada. O monumento era um antigo hangar de helicópteros legado em testamento à paróquia por um benemérito, que don Gimenez transformara em museu de arte sacra e oratório pessoal. Provavelmente todas as teorias eram verdadeiras, existiria uma Virgem para cada ocasião, mas o padre cansara-se de andar a mudar de estatueta, escolhera a imagem mais feia, que não lhe fazia falta no espólio do improvisado museu, e andava com ela na mala do carro para despachar os cultos de aldeia em aldeia. E talvez tivesse um secreto fetiche com santas.

Consolación era uma terra onde não se passava nada. Isto era verdade a maior parte do ano e mentira durante as festas. Aí passava-se de tudo. A maior festividade era a melonada, que acontecia na primeira lua nova de agosto. Os telhados das casas enchiam-se de melões demasiado maduros, que ficavam dias ao sol à espera da

grande noite. Durante o dia, as ruas desertas não deixavam adivinhar o fervilhar noturno de gente. Apenas as duas filas de tendas à entrada da povoação faziam suspeitar da festa. Ao fim da tarde, quando começava a esboçar-se uma brisa escoando o exalo abafado das casas e das pedras do caminho, as pessoas começavam a juntar-se em pequenos grupos que iam engrossando. As tendas de torrão de Alicante e bolos de figo, amêndoa e tâmaras, iniciavam as vendas, o vinho de Rionda, o mais afamado da região, começava a escorrer nas gargantas. Ao fim de pouco tempo, inebriados pelo ambiente de festa e pela vinhaça, os populares trepavam aos telhados das casas e bombardeavam-se mutuamente com os melões numa guerra sem quartel, por entre risos e gargalhadas. A festa terminava sem vencidos nem vencedores, quando se esgotavam os melões e o vinho. Cansados, melosos e felizes, os habitantes recolhiam a casa altas horas da madrugada e dormiam um dia inteiro para cozer a bebedeira. O céu estrelado e o miar rouco dos gatos preenchiam o silêncio do fim de festa.

Outro ponto alto de festividade em Consolación era a vacada. Não se sabia bem por que razão a festa tinha este nome, na realidade não havia vacas como protagonistas da festança. Esta ocorria no segundo domingo de agosto, porque todas as festas da aldeia aconteciam neste mês, que, por um lado, era o período de férias de don Giménez e, assim, ele era poupado aos rituais pagãos da terra, e, por outro, se fazia um bom aproveitamento do leite seco do rio para os festejos. E era ao longo da pista proporcionada pelo Alcuibia em época de sequeiro que se fazia a vacada. A primeira parte do evento consistia em convencer *Tobias*, o touro de cobrição da aldeia, a participar na festa. Eram precisos vários homens, e dos mais lesto, para laçar a besta pela cornadura e trazê-lo até ao recinto da festança. A empreitada não se revelava de fácil concretização, pois *Tobias* era um falso pachorrento, assumia essa postura apenas para se pavonear perante as vacas da andadura. Este era o termo que definia a transumância do gado entre pastos, de verão subiam os montes para encontrar alguma frescura nas terras mais altas, de inverno faziam o percurso inverso. Nos tempos antigos, o gado era tangido por Pepe, o pastor, e *Franco*, o cão. Quando *Franco* cegou de velho, ainda acompanhou o gado alguns anos, farejando o caminho. Quando o cão morreu, Pepe

continuou o seu trabalho até que chegou a sua hora partir do mundo dos vivos. Sem pastor nem cão que os orientasse, os bois continuaram a subir e descer o monte, procurando os pastos nesse processo que ficou conhecido em Consolación por andadura.

A pachorrência de *Tobias* esgotava-se mal sentia a corda do laço a zunir rente às orelhas. Voltava-se com uma velocidade surpreendente para um touro de seiscentos quilos e arrancava num derrote súbito, capaz de colher os mais incautos. Não era raro ver-se um ou outro destemido procurar abrigo no cimo de uma árvore. Com alguma frequência acontecia uma colhida, a mais grave das quais fora quando o primo Pepe, o electricista, levava uma cornada no ventre, perfurando-lhe os intestinos. Finara-se num campo de girassóis, forma demasiado poética de morrer, esvaído em sangue, e nesse ano a vacada foi suspensão, o que constituiu não uma, mas duas fatalidades. O funeral de Pepe, o electricista, foi um acontecimento dolorido e confuso, pois todos em Consolación se chamavam Pepe, o que causou dificuldades com a notícia do funeral e até com a certidão de óbito. Na cerimónia fúnebre, os tios, os sobrinhos, os primos, afilhados, já para não falar no pai, o avô, os diversos vizinhos e conhecidos, todos com o nome de Pepe, aperceberam-se pela primeira vez que o facto de terem o mesmo nome poderia ser confuso.

Descontando essa trágica memória, o momento de laçar o touro *Tobias* era o ponto alto da festa. Depois de algumas escaramuças com a besta, conseguia-se o objetivo e o animal era preso por duas cordas que um cacho de homens segurava e largava, orientando o animal para o leito seco do Alcubia. O povo aglomerava-se à volta do touro, ondulando como uma maré, correndo de um lado para o outro, fugindo da fera que era sustida no seu ímpeto pelos homens das cordas, para que não acontecesse nenhuma fatalidade, como a Pepe, o electricista. A vacada de Consolación tinha fama e sucesso, podia não ser tão exuberante e garbosa como as largadas de touros em Pamplona, mas aos olhos dos consolados (os habitantes de Consolación) era a festa mais bonita do mundo e a valentia dos que enfrentavam *Tobias* nada ficava a dever aos pamploneses.

A aldeia só tinha um touro de cobrição, o *Tobias*. Todos os anteriores se tinham chamado assim, antes de serem vendidos para o

talho. A onomástica em Consolación era arrevesada, não se sabia bem o motivo que levava o povo a utilizar sempre os mesmos nomes para pessoas e animais. Veja-se o caso do cão pastor, que também só existia um de cada vez, até ter deixado de ser necessário: os canídeos vestidos nesta função usaram sempre o mesmo nome – *Franco*.

Mais duas festividades coroavam os outros dois fins de semana de agosto em Consolación: a porcaria e a ronda. A porcaria consistia numa competição: montava-se um redil onde se juntavam porcos num lameiro. O mais lesto a apanhar um porco ganhava o desafio. Imundos mas felizes, os competidores juntavam-se a assar os porcos no espeto, ao fim da tarde, que seriam comidos em generosas sanduiques de pão saloio, empurradas com não menos generosas canecas de vinho de pipo. A ronda era a festa do último fim de semana de agosto, se é que se podia considerar uma festa. O povo juntava-se ao pôr do Sol e executava uma marcha em silêncio, em volta de Consolación. Havia um carreiro quase impercetível traçado pelos montes por onde a ronda fazia o seu caminho, de ano para ano as ervas quase o cobriam. Só os mais velhos sabiam de cor o trajeto e lideravam a caminhada. Sabia-se quando começava, não se sabia quando acabava. Ao fim de algumas horas, o povo dispersava em silêncio, cada um saboreando a leveza interior que a catarse coletiva lhes concedera. As origens daquela tradição eram ancestrais, perdiam-se no tempo. Poderia ter a ver com o tempo da peste, na Idade Média, ou com desgraças relacionadas com guerras. O mais recente episódio funesto tinha sido o bombardeamento accidental de Consolación pelos *Stukas* de Hitler, no mesmo dia em que bombardearam Guernica. Não se tratou bem de um bombardeamento, um caça nazi em exercício, poucas horas antes de atacar Guernica, deixou cair uma bomba no monte mesmo encostado à aldeia, matando *Tobias*, o touro de cobrição. As casas de Consolación abanaram com o estrondo, algumas mais débeis ficaram com umas minúsculas fissuras que serviriam de troféu de guerra. Soube-se que tinha sido um acidente, não havia na aldeia nenhuma frente antifranquista que justificasse um ataque intencional. O certo é que o bombardeamento fortuito de Consolación e a morte do touro *Tobias* criaram na aldeia uma aversão ao franquismo, e o cão pastor passou a ser chamado *Generalíssimo*.

Terminada a ronda, finava-se o mês de agosto e as festividades em Consolación. Don Giménez regressaria de férias sem se ter de insurgir contra a paganice e o uso abusivo do adro da igreja para fins menos religiosos. Nos restantes onze meses do ano nada se passaria em Consolación, excetuando as missas de don Giménez e a transmissão dos relatos das touradas de Badajoz e Sevilha pelas cornetas dos altifalantes na torre da igreja.

Perfecto Cuadrado abriu os olhos. Sacolejadas pelo trava e arranca do táxi, as memórias de Consolación esbatiam-se, contrastando com o bulício da cidade de Londres.